

**CORPOS E MAQUINAÇÕES:
PEDAGOGIAS CULTURAIS E EPISTEMES DO CORPO NO FACEBOOK**

**BODIES AND MACHINES:
CULTURAL PEDAGOGIES AND BODY EPISTEMS IN FACEBOOK**

**CUERPOS Y MAQUINAS:
PEDAGOGIAS CULTURALES Y EPISTEMAS CORPORALES EN FACEBOOK**

Alexandre Luiz Polizel*
alexandre_polizel@hotmail.com

Moises Alves de Oliveira*
moises@uel.br

* Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR – Brasil

Resumo

Este manuscrito tem por objetivo traçar considerações acerca das conceptualizações de ciências e das educações no ciberespaço a partir de seu olhar ao corpo. Para tal, nos aventuramos em um grupo da rede social *Facebook* entre 2017-2018, nominado de “Vale”. O olhar analítico deu-se no acompanhamento dos fluxos de discussões neste período, utilizando como recurso a perspectiva do diagnóstico do presente como mote analítico que emerge do campo dos Estudos Culturais das Ciências e das Educações. Neste percurso analítico evidenciamos a centralidade na construção do corpo na compreensão das ciências-educações, que organizamos em dois eixos discutidos neste manuscrito: a) Tomadas – corpo-função e corpo utilidade; b) Quebra-cabeças e Legos – risos irônicos e ciências modalizáveis.

Palavras Chave: Educação. Estudos Culturais das Ciências. Filosofia das Ciências.

Abstract

This manuscript aims to outline considerations about the conceptualizations of science and education in cyberspace from the point of view of the body. To this end, we ventured into a group of the social network *Facebook* between 2017-2018, called “Valley”. The analytical look was made in the follow-up of the discussion flows in this period, using as a resource the perspective of the diagnosis of the present as an analytical motto that emerges from the field of Cultural Studies of Sciences and Education. In this analytical path, we highlight the centrality in the construction of the body in the understanding of science-educations, which we organize in two axes discussed in this manuscript: a) Outlets - body-function and body-utility; b) Puzzles and Legos - ironic laughs and modalizable sciences.

Keywords: Education. Cultural Studies of Sciences. Philosophy of Science

Resumen

Este manuscrito tiene como objetivo esbozar consideraciones sobre las conceptualizaciones de la ciencia y la educación en el ciberespacio a partir de su mirada al cuerpo. Con este fin, nos aventuramos en un grupo de la red social *Facebook* entre 2017-2018, llamado “Vale”. La mirada analítica se realizó en el seguimiento de los flujos de discusión en este período, utilizando como recurso la perspectiva del diagnóstico del presente como un lema analítico que emerge del campo de los Estudios Culturales de

las Ciencias y la Educación. En este camino analítico, destacamos la centralidad en la construcción del cuerpo en la comprensión de las enseñanzas científicas, que organizamos en dos ejes discutidos en este manuscrito: a) Puntos de venta: función corporal y utilidad corporal; b) Rompecabezas y Legos: risas irónicas y ciencias modalizables.

Palabras clave: Educación. Estudios culturales de las ciencias. Filosofía de la ciencia.

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Aristóteles, afirmativamente, nos mobiliza, ao assentar que o espanto é o que movimenta o pensamento e nos faz criar compreensões da realidade. As primeiras taxonomias, ou seja, a nomenclatura das organizações dos acontecimentos por meio de suas similitudes e diferenciações, são criadas deste mote. É a consideração de que o espanto provoca a necessidade de compreender; o que dá ao discurso a força de realidade nos leva à ação organizativa. As ciências e as educações que emergem desta necessidade pela organização.

O que nos espanta são os eventos (do presente), no sentido de Friedrich Nietzsche (1974) da vida que se faz e se cria. Eventos que modulam nossa compreensão de mundo, nosso modo de compor saberes sobre as coisas. O evento do qual falamos aqui é o emergir das dinâmicas ciberculturais. O emergir dos ciberespaços borra as fronteiras do espaço-tempo; nos joga em um mar de informações aos quais nem sempre temos habilidades de pensamento, e desejo, para processá-los e compor conhecimento com estes (MOSE, 2018); torna problemático o próprio sentido das fronteiras entre as ficções e das realidades, bem como dos modos de verificação do que se encontra ou não nos campos das ciências (FOUCAULT, 1986; POLIZEL, 2018); criam outras possibilidades de experienciar as culturas e suas pedagogias.

Nesse texto, vamos olhar para esta cibercultura que nos espanta. Localizamos a noção de espanto na ideia de pedagogia cultural, o que nos aproxima das perspectivas dos Estudos Culturais das Ciências e das Educações, que deslocam a noção de pedagogia da escola como detentora de privilégio discursivo sobre a episteme, e colocamo-nos a refletir acerca de: *Que pedagogias culturais¹ modalizam o olhar às ciências e às educações?*. A inquietação, o espanto quanto a volatilidade da noção de fronteira que o facebook emana, nos coloca em rota de encontro por uma taxonomia, uma tipificação que se pergunta acerca dos modos de funcionamento das pedagogias culturais e seus efeitos epistêmicos das ciências e educações.

¹ Toma-se os espaços de múltiplos artefatos culturais como territórios de experimentação, assim carregam consigo linhas e saber-poder-verdade que ensinam e educam, que trazem consigo uma forma de ensinar, aprender e constituir conhecimento acerca das 'coisas'. As pedagogias assim extravasam o espaço escolar, encontram-se nas produções culturais (ANDRADE; COSTA, 2017). Neste sentido, o que se compreende com as culturas dizem muito sobre o olhar para as ciências e seus usos, tem suas educações para ciências em curso.

Fazemos isto por compreender as ciências, as educações e as educações para as ciências como constructos da cultura. Toda produção de saber, fundação de campos e de critérios de demarcação de *epistemes* se dão localizados no campo histórico, nas relações de poder e na produção de regimes de verdades. A ciência não se faz apenas pelo processo de enunciação, do dizer algo sobre o mundo, é preciso que esta torne-se enunciado para instaurar-se como um campo de saber (FOUCAULT, 1986). Os processos de composição dos saberes são passíveis de serem rastreados, à medida que voltamos o olhar aos circuitos culturais que compõem, reverberam ou rarefazem estes.

Este manuscrito emerge do movimento desta busca, como parte constituinte de uma investigação maior intitulada *Corpos e Bio-virtualidades: Pedagogias do Eu no Vale dos Homossexuais*. O recorte que compreendemos com Gilles Deleuze e Felix Guattari (2010) não como algo menor, mas como a possibilidade de classificação de um fluxo específico do pensamento que pode ser taxonomizado, singularizado e diagnosticado para ser compreendido. Este *fragmentum* traça considerações acerca das conceptualizações de ciências e educações no ciberespaço. Para tal, organizamos o presente texto em dois eixos: a) Tomadas: corpo-função e corpo utilizado, em que as discursividades acerca dos corpos são ponto mote para discussão sobre o olhar filosófico das ciências e das educações, de encontro com potenciais de moralização e governo dos corpos; e, b) Quebra-cabeças e legos: risos irônicos e ciências modalizáveis, onde são apresentadas considerações de uma filosofia dos corpos a partir de um olhar das diferenças.

BALIZAS DO MÉTODO

Talvez antes de iniciar as considerações acerca dos corpos como um dos eixos modalizadores dos conceitos das ciências e educações no/a partir do ciberespaço, é preciso traçar os modos como operamos para que tal diagnóstico se tornasse possível. Sintetizamos este movimento analítico em duas balizas.

Nossa primeira baliza é a compreensão do campo. Voltamos nosso olhar ao ciberespaço e a cibercultura, por compreendermos a virtualidade como espaço de potência. Pierre Lévy (1996) pontua que a virtualidade não é uma novidade da (pós)modernidade, mas sim consiste em um fenômeno da própria existência e do pensamento. A virtualidade não se opõe a realidade, mas ao presente-atual. O virtual é então o espaço em que a problemática é produzida a ponto de que *algo* não esteja presente e, a atualização é o que sana tal problemática e instaura a *coisa* aqui. Tomemos por exemplo a compreensão do corpo no curso histórico, visto que o corpo sempre se mostrou um problema como artefato de definição. Todavia à medida que se produziram técnic(nologi)as, possibilitavam que o corpo se fizesse, o mesmo se tornou presente. Fazendo uma rápida genealogia: Platão tornou o corpo presente no mundo sensível, separado das ideias; René Descartes uniu o corpo e alma com suas cubas e dissecações;

Espinosa produziu o corpo que sente... A economia atualizou o corpo em algo produtivo e rentável, as ciências sociais em algo dinâmico e populacional, a biologia em organismo de manifestação da vida... Foram necessárias muitas técnic(nologi)as para corporificar o corpo, que, em retrospecto, devolveu, como favor, o substrato para que estes campos de saber se constituíssem. É nesse sentido que compreendemos as culturas e seus conceitos como espaço que possibilita o emergir de campos de saberes, e o corpo – que é produto dessa trama, em um artifício de retórica, passa a funcionar como artefato essencial, como a origem, na composição destes campos (FOUCAULT, 1986; DELEUZE; GUATTARI, 2010). Em última análise, nosso argumento é que a compreensão do mundo-realidade-existência é substância criativa-criadora, instaurativa-instauradora deste; é com esta episteme que olhamos a algum lugar.

Nosso olhar se volta ao *Facebook*, visto sua popularidade e por ser um território que ainda não apresenta a cisão bem definida entre público e privado. Focamos mais especificamente em um agrupamento que aqui trataremos como “Vale”. A escolha desta nomenclatura emana do próprio grupo, visto que o Vale² tem como referência o Vale dos Homossexuais – espaço instituído na discursividade de vertentes cristãs, assinalado como território de sofrimento e condenação para os que vivessem prazeres homoafetivos³. A produção deste espaço-território, consiste em uma atitude do grupo, de (res)significar o Vale por meio de um deboche, do ato impudico de colocar em dúvida o estatuto de verdade eleito pela vertente cristã, centrado nestes casos na condenação e negação de modos de existir. O cinismo mostra-se um caminho interessante para (re)pensar as fronteiras das ciências, educações e educações-ciências (NIETZSCHE, 1974).

O Vale é escolhido como espaço por suas características: i) é um grupo que se propõe abranger o público jovem, alinhados aos discursos das pluralidades identitárias, pró-diversidade e pró-direitos humanos – característica esta que nos leva a possibilidade de multiplicidade de modos de existência; ii) grupo de amplitude numérica e de interação, devido a sua composição por 953.096 membros; iii) espaço em que o pesquisador se encontrava inserido desde 2013 – quando deu-se a criação deste.

² Esta investigação se dá tendo como base a Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016; sendo que a analítica desenvolvida neste trabalho tem por finalidade aprofundamentos teóricos que emergem espontânea e contingencialmente da prática profissional e de fenômenos cotidianos, comprometendo-se com a não identificação dos sujeitos – não sendo então avaliada pelo Comitê de Ética e Pesquisa. Assim, atribuímos ao grupo um nome fictício e, removemos as possibilidades de identificação dos indivíduos envolvidos no processo investigativo (como nomes, fotografias pessoais, endereços eletrônicos e até mesmo imagens de pessoas públicas presentes nas postagens).

³ Utilizamos o termo homoafetividade, compreendendo que estas religiões identificam os modos de existência gays, lésbicos, bissexuais e de pessoas trans como relações homoeróticas/homoafetivas. Assim, ao usarmos o termo homoafetividade fazemos com o intuito de que este abranja as múltiplas categorias identitárias, pertencentes as minorias sexuais, que se desviam de operar sob uma lógica de uma identidade heteronormativa.

As interações no grupo foram dadas por meio de postagens, comentários e reações. Devido a interatividade constante no grupo voltamos nossos trajetos analíticos para as postagens que se deram no período de 2017 e 2018.

Nossa segunda baliza dá-se na constituição da lente analítica. Partimos da óptica dos Estudos Culturais das Ciências e das Educações, compreendendo as ciências, educações e educações-ciências como artefatos culturais, sem significados fixos, mas com significação em processo de elaboração. Assim, compreendemos a análise como um caminho diagnóstico, mais especificamente como um *Diagnóstico do Presente*, de inspiração Nietzscheana e Foucaultiana (NIETZSCHE, 1974; FOUCAULT, 1986; 1999; 2015; ARTIÉRRES, 2004; MARTINS, 1998), considerando aspectos genealógicos, voltados à recusa de uma ideia de origem, bem como centrados nas noções de proveniências e emergências de campos de saber que se fazem – aqui especificamente as ciências e educações. Proveniências que consideram a inexistência de categorias de semelhança e continuidades e, inclinam-se a observar marcas sutis, singulares e produtoras de diferenças – do campo em suas relações que podem ser compreendidas. O diagnóstico do presente consiste assim em um processo nominativo e descritivo, apresentando o movimento que o pensamento faz – em termos filosóficos-conceituais –, enquanto efeitos e rastros que estes deixam. Busca-se, nas filosofias das ciências e na antropologia filosófica, elementos de localização para as costuras analíticas de publicações que mobilizam o Vale.

TOMADAS: CORPO-FUNÇÃO E CORPO-UTILIDADE

No Vale deparamo-nos com a publicação visualizada na Figura 1:

Figura 1. Ciência, Fobia e tomadas



Fonte: Acervo pessoal⁴

⁴ Imagens do Vale foram arquivadas em acervo dos pesquisadores durante a investigação.

A postagem no grupo consiste em um artefato composto: i) é um compartilhamento de uma imagem pedagógica mobilizada de outra página que remete a tomadas macho e fêmea como possibilidade de conexão “correta” para a transmissão de energia, com os escritos afirmativos “Não é fobia. É ciência”; ii) é aditiva, pois traz o comentário do “autor”: “Ciência um carain. O nome disso é tomada e essa imagem é preconceituosa”.

Tal postagem nos auxilia a flexão acerca da constituição contemporânea mobilizada pelas redes sociais das percepções acerca das ciências e seus usos (DELEUZE; GUATTARI, 2010). Referente a estas organizações das sensações e simbolizações, as mesmas são dadas à medida que encontram um quadro enunciativo que a chancelam como regimes de verdades.

Neste sentido, esta publicação nos remete à reflexão conceitual realizada no escopo das filosofias das ciências e sua composição simulada ou dissimulada; bem como à posição de compreensão e de entendimento que remete ao corpo. Consideramos aqui então que Jean Baudrillard (1991) nos auxilia nas torções realizadas acerca dos conceitos filosóficos à medida que nos empresta dois conceitos: a simulação, referente a processos de supor a existência significativa de algo à uma episteme que na verdade não se encontrava lá; e a dissimulação que consiste em um processo de esquecimento intencional de características que compunham determinado modo de pensar e compreender o evento – em suma, a simulação inventa/inclui características às ‘coisas’ e a dissimulação apaga/deixa de fora caracterizações.

Assim, a compreensão que se dá acerca dos corpos-pedagógicos remete dis-simuladamente à ao menos duas vertentes filosóficas (ou não): a) Uma conceptualização cartesiana dos corpos e b) Um olhar paradigmático-normativo dos seres e das ciências.

O artefato composto articula resquílios de uma conceptualização cartesiana dos corpos, dado pela: redução para a compreensão dos eventos e acontecimentos. Vê-se em Rene Descartes (1973) uma fundamentação das bases à epistemologia moderna: o olhar para a compreensão do mundo por vias analíticas. A análise consiste em um fenômeno filosófico da separação das partes constituintes dos eventos, com o intuito de observar a articulação das partes para o funcionamento do todo. Esta ideia incorre a um olhar da organização dos fenômenos da existência que poderiam ser conhecidos pelas ciências a um olhar da composição maquinal. O corpo torna-se em sentido metafórico distintas partes que deveriam ser compreendidas em separata para que assim fosse possível um melhor entendimento.

As utilizações das metáforas das tomadas desenvolvem tal aproximação, o olhar dos corpos enquanto máquinas em funcionamento; neste ponto reside a sua simulação. A imagem desenvolve a simulação do corpo enquanto um sistema fechado, uma peça que funciona em contato com outra, ao invés de transitar os passos cartesianos de reduzir o sistema a suas menores partes para compreendê-la.

Sua dissimulação reside em outro aspecto de separação do pensamento cartesiano: no processo de moralização do fenômeno a ser compreendido pelo olhar científico, via esquecimentos intencionais (POLIZEL, 2018). A perspectiva cartesiana do pensar o corpo enquanto mecânico a ser compreendido pela redução de suas partes, se dá pelo afastamento do olhar enviesado pela experiência subjetiva e dos preconceitos que esta carrega, ou seja, pela desmoralização do olhar para aquilo que se pretende compreender (DESCARTES, 1973; CARDIM, 2009). O que a imagem opera, dá-se em uma lógica inversa, ela moraliza e posteriormente reduz para que a moralização se efetue; elabora valores que pretende legitimar e utiliza da chancela de uma suposta cientificidade para instituir-se (BOURDIEU, 2004).

Todavia esta instituição incorre a dis-simulação de uma segunda base epistemológica das filosofias das ciências: o olhar paradigmático. É com Thomas Kuhn (1997) que o olhar paradigmático se populariza, no elaborar do sistema enunciativo deste caractere atribuído aos campos das ciências. Os pensadores Gilles Deleuze e Felix Guattari (2010) pontuam que o olhar paradigmático consiste em uma das sínteses taxonômicas do pensamento científico: as ciências operadas por sua funcionalidade, ou seja, as ciências enquanto campo de produção de pensamento a partir dos ‘*Comos...?*’. Os campos das ciências (BOURDIEU, 2004), enquanto campos de saber, se definiriam por entender os funcionamentos e funcionalidades, os ‘*comos*’ as coisas se dão e não seus ‘*por quês*’ ou ‘*essencialidades*’.

Neste sentido, a imagem busca chancelar os corpos por meio das metáforas das tomadas buscando mostrar o ‘*funcionamento de tomadas para produção de energias?*’, um olhar que se verte a uma crítica a sexualidades e relações entre os corpos que não sejam heterossexuais. A problemática dis-simulativa se dá em ao menos quatro invenções: a) Devido a via moralizante buscam apresentar a explicação de um ‘*Por quê*’ a heterossexualidade é geradora de complementariedade, todavia esquecem que os processos funcionais dão-se pela descrição de ‘*como os fenômenos se dão*’, buscando abranger o maior número de fenômenos possíveis – dentro até mesmo das próprias relações heterossexuais, que são plurais, múltiplas e diversas; b) Simulam a existência apenas de dois tipos de corpos, como entidades metafísicas dadas e sistemas fechados definidos por um suposto encaixe urogenital, todavia esquece-se que os corpos não se definem apenas pela morfologia-anatomia das genitais, tão pouco é possível o estabelecer de uma padronização dos corpos e de seus usos (ROUGHGARDEN, 2004; FOUCAULT, 2015; POLIZEL, 2018); c) Supõem uma linearidade entre genitais-sexo-gênero-sexualidade, deixando apagados os inúmeros trabalhos no campos das ciências humanas, sociais, filosofia e das ciências naturais que demonstram a não existência de tal linearidade (LOURO, 2004); e, d) Prescindem a geração de energia sempre por complementariedade, o que remete ao ideal de sexo – enquanto ato sexual e encontro de genitálias – as voltados a reprodução sexuada, não sendo consideradas a existência de

reproduções assexuadas, ao novos usos biotecnológicos de reprodução assistidas e ao ato sexual como voltado também para socialização e obtenção de prazer (POLIZEL, 2018).

Tais torções dis-simuladas das percepções acerca das ciências e de sua leitura dos corpos são realizadas intencionalmente, via processos de moralização que atravessam perceptos acerca de como os corpos e as sexualidades são e deveriam ser. A base de tal processo moralizativo do corpo é intencional, visto que os corpos são substratos dos fenômenos da vida e das relações sociais (CARDIM, 2009), sendo assim a disputa pela narrativa acerca do corpo remete ao estabelecimento de entendimento sobre este e, de como este é-deveria ser e se portar. Tal combinação ‘*tomadística*’ dos corpos remete a disputa que diagnosticamos como um corpo enquanto artefato técnico de utilidade. Esta diagnose dá-se, pois, tal compreensão de corpo serve: a) a moralização do corpo enquanto espaço de manifestação de uma existência que deve seguir e resvalar a uma leitura judaico-cristã de usos do corpo-sexo-sexualidade; b) a um olhar de uso técnico-funcional de corpo-sexo-sexualidade a fim de garantir reprodução e continuidade de espécime (FOUCAULT, 2015; POLIZEL, 2018); e c) a sobrevivência da espécie enquanto existência funcional de sociedade e de sistema (ENGELS, 1979).

É a esta funcionalidade que atribuímos a produção de uma percepção paradigmática das ciências. Paradigmática no que se reflete as considerações de Thomas Kuhn (1997), ao pontuar a compreensão das funcionalidades ao quadro das ciências que opera o entendimento do “*como operam-funcional os fenômenos*”, seja por um olhar da economia dos corpos e de suas libidos, da gestão das reproduções ou dá manutenção de um sistema sócio-econômico vigente (FOUCAULT, 1999; 2015). Contudo em meio à dis-simulações demarca-se que é um olhar paradigmático-normativo, refletindo diretamente um regime dos corpos e de suas sexualidades, via a moralização religiosa e da apropriação ingênua – ou má intencionada – das discursividades das ciências biológicas.

Neste sentido, Michel Foucault (1986; 1999; 2015) nos auxilia na reflexão da instauração do paradigma-normativo como um sistema de construção de normatividades, normalidades e de diferenças pelo processo de moralização e produção de regimes de verdade que naturalizam as compreensões sobre os corpos. A exemplo disto tem uma memória seletiva para: a) Os usos dos corpos, sexos e sexualidades não apresentam uma linearidade nem em sua expressão e usos, tão pouco no regime de moralização de via judaico-cristã, tomando-se a exemplo outras religiosidades e *ethos* que compreende os usos dos corpos como uma arte do conhecer a si e ao Outro (FOUCAULT, 2015); b) Os atos sexuais dentro da própria discursividade das ciências biológicas são entendidos como plurais, não restritos a reprodução mas também como comportamento de socialização e de desfrute dos prazeres (ROUGHGARDEN, 2009); e c) Não se verte a sobrevivência da espécie, visto que na espécie humana são as dinâmicas

sociais e suas produções de *têknes*⁵ que garantem seu sucesso evolutivo (ENGELS, 1979). O que mostra uma disputa em curso para que o paradigma-normativo seja instaurado por meio das pedagogias culturais nas redes sociais.

Demarcamos que o entendimento de paradigma-normativo que nominamos aqui se diferencia do paradigma Kuhniano (1997), de modo que o primeiro consiste em uma tentativa de moralização e fixação de padrões, enquanto o segundo é compreendido como um processo dialético e em constante atualização e produção de novos campos de saber paradigmáticos.

QUEBRA-CABEÇAS E LEGOS: RISOS IRÔNICOS E CIÊNCIAS MODALIZAVEIS

Vê-se que toda tentativa de instauração de paradigma enfrenta processos de crise (KUHN, 1997). Quando voltamos a tentativa de instauração de uma paradigma-normativo, o processo torna-se mais dificultoso, visto que os regimes de verdade para poderem operar em suas linhas articuladas de saber-poder-verdade, necessitam de uma constante coligação de forças para manter-se associadas (FOUCAULT, 1986; 1999).

Toda a operação de tentativas de moralização via processos de criação de consciente coletivo – e neste compreendemos que é um processo de pedagogia cultural, pois envolve um aprender, ensinar e compreender as ‘*coisas*’ (ANDRADE; COSTA, 2017) – encontram resistências. Enquanto a ‘*tomadização*’ dos corpos propõe um sistema binário, via a negação de uma pluralidade dos corpos que são orgânicos por meio da transformação do mesmo em instrumentos de encaixe a afirmativa faz desta metáfora sua própria não sustentação, a exemplo da Figura 2:

Figura 2. Quebra-cabeças e Legos



Fonte: Acervo pessoal

⁵ Referência as técnicas gregas como revisitada em Friedrich Nietzsche (1974), refere-se a uma concepção artística das técnicas e tecnologias como modos de produção de sentidos e de modos de existência.

A figura 2 mostra uma postagem com dois outros corpos de instrumento de encaixe, pelas de quebra-cabeça e peças de Lego, trazendo uma frase “Não é heterofobia⁶, é apenas realidade”. Tal postagem é movimentada no grupo após a ampla circulação das ‘tomadas’ e opera epistemicamente por meio de duas ordens: a) O corpo maquinizado como instrumento como modelo que não se sustenta quando moralizador; b) A prática cínica como revisita de conceitos; e c) Outras possibilidades de ordenação do corpo-maquina.

Assim, ao tomar o corpo enquanto um instrumento que reverte a sua funcionalidade abre-se espaço para que outras conformações sejam estabelecidas. Se as tomadas foram trazidas com o intuito de deixar de fora que corpos que sob um regime de binário não se complementaríamos com o intuito de dar condições para a ‘energia’ fluir e produzir – em seu sentido metafórico para reprodução sexuada –; as tomadas não funcionaríamos quando precisaríamos constituir horizonte, imagens e até mesmo erotismos a exemplo do quebra cabeça, ou para montar estruturas como faz-se com o Lego. A própria metáfora de maquinizar os corpos em instrumentos para uma utilidade não se sustenta, pois já remete em si que representa uma questão de interesse e remete a um projeto social (POLIZEL, 2018); visto que é a metáfora dos corpos maquinicos trazidas a cena para rejeitar a mesma metáfora sobre um outro exemplo, a das ‘tomadas’.

Com a estratégia da moralização para buscar coalização de forças que sustentariam um paradigma-normativo, as ‘tomadas’ recorrem a um (in)consciente de valores coletivizados e a ideia de possibilidade de reprodução-existência via a complementariedade dos corpos no jogo das binariedades. O jogo pedagógico é o jogo com as tradições; mas as tradições encontram resistência ao deparar-se com estratégias cínicas, ou seja, com a colocada de valores em testes. É próprio de um olhar paradigmático (KUHN, 1997) e crítico (NIETZSCHE, 1974; FOUCAULT, 1986) colocar em teste, como regimes ético-políticos das próprias performances educativas para as ciências (pós)críticas. O que o grupo nos mostra é que tem sido uma estratégia para esta resistência, criação e pela própria operação pela educação crítica os usos dos cinismos como prática contestativa. Vê-se que não se trata de um cinismo dis-simulado, com o intuito de reiterar um regime formativo como a exemplo das ‘tomadas’; mas um cinismo de progresso com o intuito de produção de novos modos possíveis (NIETZSCHE, 1974; MOSE, 2018).

É desta não sustentação do modelo binário de complementariedade desconstruído por sua própria lógica e pelo uso do cinismo de progresso com o intuito de pensar novos pensamentos possíveis que deriva uma terceira articulação pedagógica desta postagem: a de que mesmo se

⁶ Crença de suposta aversão dos movimentos identitários pela heterossexualidade.

fossemos adotar a base⁷ da binarização dos corpos, ainda assim caberiam nessa episteme outros modos de existência que não os corpos que não atendem ao regime da heterossexualidade.

Neste sentido, a discussão é arrastada para o campo das produções artísticas de sensações (*Ars*) e técnic(nologi)as (*Tékne*) e, o afastamento do quadro moralizante dos corpos. O que se propõe então é que os jogos com os quadros de referências são desestabilizados pelo cinismo de progresso, colocando em pauta a abertura para o olhar aos corpos sob uma óptica não moralizante. O que Friedrich Nietzsche (1974; MOSE, 2018) nos inspiraria a pensar como um arraste ao campo da ética, da valorização como processo, que não fixa valores e busca a ampliação do espaço para a diferença no entendimento dos modos de existência possíveis.

O campo das éticas então convida a um olhar atento para a não moralização dos corpos via apropriação dis-simulada dos discursos das ciências; bem como da crítica às tentativas de estabelecimento de paradigmas-normativos, e um olhar a constância da crise e da busca da compreensão nas contingências (FOUCAULT, 1986; MARTINS, 1998; ARTIÉRRES, 2004).

CONSIDERAÇÕES POR UM ENSINO DE CIÊNCIAS CORPORIFICADO...

Este escrito buscou apresentar considerações acerca das conceptualizações de ciências e educações no ciberespaço sob a óptica dos estudos culturais das ciências e das educações. São de enunciações em um Vale que foram evidenciados os usos que se balizavam entre a moralização dos corpos maquinas e a dis-simulação dos saberes sobre estes; bem como do encontro com resistências que tracionavam as inconsistências da lógica dos corpos maquinas moralizados, arrastando tais corpos e suas educações para o campo da ética.

Ao realizar o movimento filosófico de compreender as pedagogias culturais a partir do olhar as discursividades dos corpos, evidenciamos as dis-simulações no entorno dos discursos das ciências, trazendo substrato para: a) As filosofias dos corpos e suas pedagogias nas virtualidades; b) Filosofias das ciências (pós)críticas sob uma hermenêutica do presente sobre movimentos de conceptualização dos corpos no ciberespaço a partir das tomadas, quebra-cabeças e Legos; c) Os riscos de tomar o paradigma enquanto norma em contraponto ao paradigma enquanto estrutura dialética; d) Enunciar de ‘casos’ que podem ser utilizados também dentro da sala de aula, com o intuito de uma discussão de

⁷ Compreendemos aqui as constituições de saberes-poderes-verdades juntamente com um olhar de Michel Foucault (1986; 1999), de modo que toda constituição discursiva se dá localizada na produção de um regime de verdade que tem como quadro de referência modos específicos de constituir conhecimento. O que nos referimos aqui como base é a suposição de adotarmos este quadro de referências binarizado, não eliminando a existência de outros. Nossa afirmação dá-se no âmbito inverso de que múltiplos quadros de referências e regimes de verdade são constituídos, constituintes e possíveis de constituição (NIETZSCHE, 1974; MOSE, 2018).

ensino acerca de história e filosofia das ciências e os usos dos discursos das ciências a partir de um olhar (pós)crítico, ético e de abertura para com as diferenças.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, P. D.; COSTA, M. V. No rastro dos conceitos de pedagogias culturais: invenção, disseminação e usos. **Educar em Revista**, n.33, p. 1-23, 2017.
- ARTIÉRRES, P. Dizer a atualidade: o trabalho de diagnóstico em Michel Foucault. In: GRÓS, F. **Foucault: a coragem da verdade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. p. 15-38.
- BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulações**. Lisboa: Relógio D'água, 1991.
- BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- CARDIM, L. N. **Corpo**. São Paulo: Globo, 2009.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** 3 ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DESCARTES, R. **Os Pensadores** (Discurso do método. Meditações; Objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas). São Paulo: Abril Cultural 1973.
- ENGELS, F. **Dialética da natureza**. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FOUCAULT, M. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.
- _____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- KUHN, T.S. **As estruturas das revoluções científicas**. 5 ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1997
- LÉVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.
- LOURO, G.L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MARTINS, C.J. **Michel Foucault: filosofia como diagnóstico do presente**. 1998. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
- MOSÉ, V. **Nietzsche Hoje**. Petrópolis: Vozes, 2018.
- NIETZSCHE, F. **Obras incompletas**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- POLIZEL, A. L. Talvezes, tomadas, afetos e sexualidades. In: DICKMANN, I.; DICKMANN, I. (Orgs) **Pedagogia das Primeiras Palavras**. São Paulo: Dialogar, 2018, p.11-25.

ROUGHGARDEN, J. **Evolution's rainbow**: diversity, gender and sexuality in nature and people. London: University of California Press, 2004.

Recebido em: 08/03/2020

Aceito em: 01/11/2020

Endereço para correspondência:

Nome: Alexandre Luiz Polizel

Email: alexandre_polizel@hotmail.com



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).